

A INSERÇÃO DOS AGRICULTORES DE IRATI-PR NA PRODUÇÃO DO FUMO ORGÂNICO¹

Anderson Antonio Ruvinski²

Resumo

O campo engloba atualmente uma série de relações sócio/espaciais, presentes entre os camponeses na luta pela manutenção da vida. Uma realidade, onde há diversidade de cultivos agrícolas é notória, sendo estes, fonte de renda para os agricultores e manutenção da família camponesa. Dentre eles, o fumo faz décadas vem sendo uma das atividades desempenhadas pelos agricultores. Assim, dentro de uma cadeia de produção, é acerca do fumo que se estabelece um conjunto de relações, sendo, o camponês que desenvolve o cultivo do fumo e a indústria que processa e comercializa o produto, os principais sujeitos na produção. Neste sentido, buscamos compreender a inserção dos agricultores produtores de fumo orgânico do município de Irati – PR.

Palavras-chave: Camponês, Fumo, Indústria.

Introdução

Neste trabalho procuramos compreender a inserção dos produtores de fumo orgânico de Irati, Paraná no contexto sócio-espacial produzido pela indústria do tabaco na atualidade. Assim sendo, este trabalho caracteriza-se por uma descrição de dados, baseado na atual conjuntura da fumicultura e na realidade de estabelecimentos da agricultura camponesa onde se desenvolve a produção do fumo orgânico, localizados no município de Irati-PR. Trata-se de discutir a relação entre o sujeito camponês e a indústria do tabaco no contexto do avanço do capitalismo no campo. É nesta dinâmica de relações preestabelecidas, que se insere a família camponesa produtora de fumo, e estas relações ocorrentes buscamos compreender.

O cultivo do fumo está presente em grande parte dos estabelecimentos da agricultura camponesa, principalmente na região sul do País, sobretudo no município de Irati. Seu cultivo se dá em pequenas áreas de terra, com força de trabalho familiar. Historicamente o fumo ganhou espaço entre as famílias camponesas. Ao longo dos anos foram inseridas técnicas e/ou tecnologias de produção cada vez mais sofisticadas e modernizadas, porém, se manteve o trabalho familiar e o baixo investimento em mecanização para o segmento. Dessa forma, o circuito de produção da fumicultura desenvolve-se suprindo as exigências e

¹ A presente pesquisa vem sendo realizada na Unicentro, campus de Irati, sob a orientação do prof. Marcelo Barreto/marcelosp83@hotmail.com

² Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO/ander.ruvinski@gmail.com

demandas do mercado, exigindo dos camponeses o acompanhamento da dinâmica de mercado estabelecida.

Atualmente, no circuito produtivo do fumo, algumas famílias camponesas desenvolvem em seus estabelecimentos a produção de forma orgânica. Neste caso, vem sendo poucas as informações sobre as etapas do processo de produção e a dinâmica de mercado, atribuídas ao fumo orgânico. De forma geral, as atividades agrícolas cultivadas de forma orgânica, seja qual for o cultivo, mas aqui referindo-se ao fumo orgânico, tem um processo de produção diferente das atividades realizadas de maneira convencional. Para o fumo orgânico os insumos utilizados na lavoura devem ser obrigatoriamente orgânicos, pois não se utiliza insumos químicos e nem agrotóxicos nas áreas de produção orgânica. Já nos cultivos convencionais, bem como, na cultura do fumo convencional, o pacote tecnológico de base química, sendo este, os insumos químicos e agrotóxicos, são utilizados no manejo em todas as etapas na produção do fumo convencional.

Metodologia

Para a realização do trabalho faremos levantamento bibliográfico, assim como, aquisição de dados em instituições de pesquisas e associações (IBGE, IPARDES, AFUBRA, SINDITABACO) dando suporte e embasamento teórico/bibliográfico às discussões abordadas no trabalho. Realizaremos trabalhos de campo e entrevista aos agricultores para compreendermos as relações existentes no processo de produção de fumo orgânico entre os camponeses e a indústria.

Resultados preliminares e discussões

Aspectos histórico globais da fumicultura

O tabaco é uma das culturas agrícolas temporárias que historicamente esteve presente na área rural, sendo, uma das atividades praticadas por grande parte das famílias camponesas. No Brasil, a cultura do fumo ganhou espaço principalmente nas áreas rurais da região sul, pois as condições de relevo, clima e a presença de famílias camponesas com mão de obra, são

características fundamentais para a implantação da cadeia produtiva do fumo. O tabaco é uma “planta nativa da região central da América” (ALMEIDA, 2005, p.32).

Segundo o Sinditabaco (2017),

a maioria dos historiadores considera o tabaco como sendo de origem americana, onde foi cultivado pelos indígenas, tanto da América do Sul como do Norte. Uma das hipóteses mais prováveis é a de que a planta teria surgido nos vales orientais dos Andes Bolivianos, difundindo-se pelo território brasileiro através das migrações indígenas, sobretudo Tupi-Guarani.

Inicialmente o tabaco era “cultivado no território brasileiro ao longo do litoral por índios, sobretudo tupi-guaranis que tiveram contato com a planta em suas migrações pela América” (DESER, 2003). Ao longo dos anos o cultivo espalhou-se pelo território brasileiro, sendo atualmente a região sul do país o destaque nacional no cultivo e produção do fumo.

O Sinditabaco (2017) aponta que “o Brasil se mantém em destaque no cenário mundial, ocupando as posições de 2º maior produtor mundial”, ficando atrás apenas da China. Desde 1993, o Brasil é o maior exportador de tabaco do mundo (SINDITABACO, 2017). A cadeia produtiva do tabaco envolve atualmente cerca de 2 milhões e 100 mil pessoas (AFUBRA, 2017).

Considerando-se que no Brasil, a se seguir tendência observada nos últimos anos, a fronteira agrícola do fumo em expansão deve continuar a crescer, a destoca de mata nativa e a substituição da cobertura natural por plantas exóticas deve também aumentar, alterando profundamente a paisagem, o clima e mesmo a biodiversidade característica do território onde se instala a cadeia produtiva do fumo (ALMEIDA, 2005, p.72).

Dados da Afubra (2017) mostram que na safra 2015/2016 participaram 144.320 famílias presentes em 574 municípios que desenvolveram o cultivo do fumo na região sul do país, sendo que, historicamente o fumo esteve presente como uma das atividades agrícolas temporárias de complementação de renda entre as famílias camponesas, ganhando espaço no meio rural.

A cultura do tabaco fixou-se na região Sul do país, em regiões de topografia acidentada, concentrando-se em pequenas propriedades rurais: a área média das propriedades dos fumicultores é de 17,9 ha, sendo, normalmente, apenas 2,5 ha utilizados para o cultivo de fumo. (ALMEIDA, 2005, p.37).

Na **figura 01**, observamos a distribuição espacial da fumicultura na Região Sul do Brasil, onde do total de áreas produzidas, o estado do Rio Grande do Sul representa 52%, seguido pelos estados de Santa Catarina 28% e Paraná 20%.

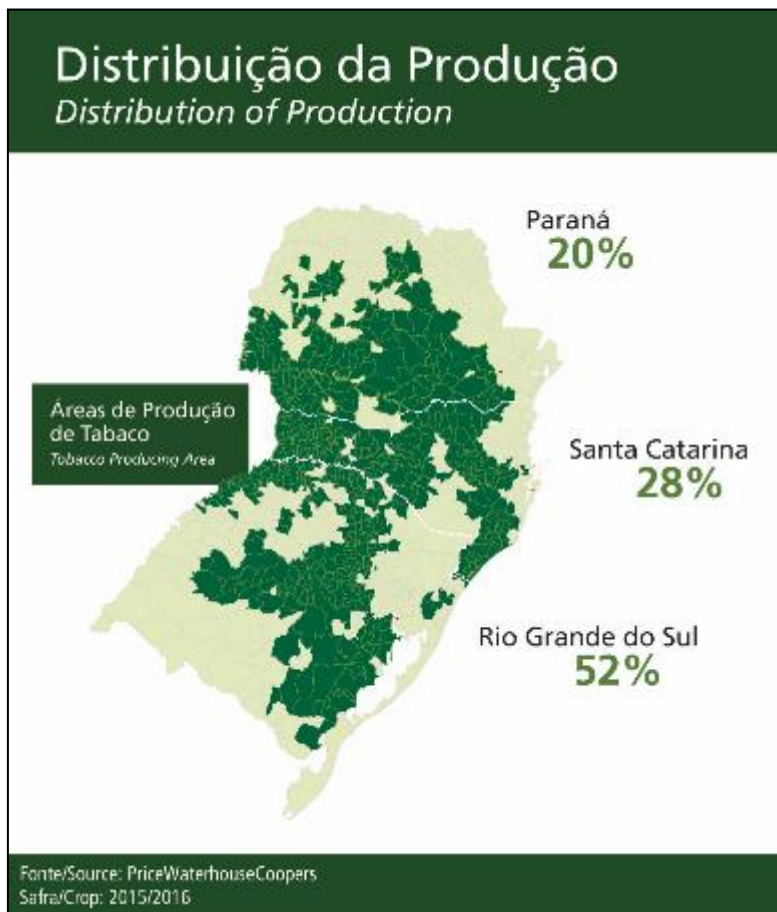


Figura 01: Distribuição da produção de fumo na Região Sul.

Fonte: Afubra, 2017

Verifica-se que, a cultura do tabaco encontra-se em maiores escalas no estado do Rio Grande do Sul, superando o montante produzido no Estado de Santa Catarina e Paraná juntos.

Na safra 2015/2016, segundo a Afubra (2017), como observamos no **Quadro 01**, o maior produtor de fumo da região sul e também o maior produtor do estado do Rio Grande do Sul, foi o município de Canguçu, onde cerca de 4.739 produtores, produziram um montante de 16.631 toneladas de fumo. Já no estado de Santa Catarina, disposto no **Quadro 01**, se destacou como maior produtor de fumo o município de Canoinhas, onde 2.773 produtores chegaram a uma produção de 11.279 toneladas do cultivo.

No Paraná, segundo Afubra (2017), na safra 2015/2016 o município de Rio Azul se destacou como maior produtor de fumo do estado, como destaca o **Quadro 01**. Ocupando a décima posição entre os trinta maiores produtores de tabaco da região sul do Brasil, o

município de Rio Azul teve 2.660 produtores que atingiram um total de 10.013 toneladas de fumo. O segundo maior produtor de fumo do estado é o município de São João do Triunfo, seguido pelo município de Prudentópolis, o terceiro maior produtor e, o município de Ipiranga o quarto maior produtor de fumo do estado do Paraná, como observamos no **Quadro 02**.

O município de Irati, conforme dados da Afubra (2017), disponíveis no **Quadro 02**, na safra 2015/2016 ocupou a 23ª colocação entre os trinta maiores produtores de fumo da região sul do Brasil. Sendo o quinto maior produtor de fumo do estado do Paraná, Irati teve 1.498 produtores com uma produção de 5.717 toneladas.

Majores Produtores de Fumo por Estado da Região Sul.				
Estado	Colocação	Município	Produtores	Produção(Ton)
Rio Grande do Sul	01º	Canguçu	4.739	16.631
Santa Catarina	04º	Canoinhas	2.773	11.279
Paraná	10º	Rio Azul	2.660	10.013

Quadro 01: Majores produtores de fumo por estado da região sul
 Organização: RUVINSKI, 2017
 Fonte: AFUBRA, 2017

Municípios do Paraná entre os 30 Majores Produtores de Fumo da Região Sul			
Município	Colocação	Produtores	Produção(Ton)
Rio Azul	10º	2.660	10.013
São João do Triunfo	12º	2.216	9.041
Prudentópolis	16º	1.720	6.953
Ipiranga	19º	1.758	6.295
Irati	23º	1.498	5.717
Imbituva	24º	1.185	5.640
Palmeira	27º	1.216	5.406

Quadro 02: Municípios do Paraná entre os 30 Majores Produtores de Fumo da Região Sul
 Organização: RUVINSKI, 2017
 Fonte: AFUBRA, 2017

Tendo em vista a realidade regional, conforme observamos nos Quadros 01 e 02, e expressivamente a conjuntura a qual está inserido o município de Irati na cadeia de produção do tabaco, se faz necessário um aprofundamento acerca do processo produtivo e as dinâmicas socio-espaciais traçadas no processo produtivo.

O município de Irati possui uma área de 995,289 km². Como mostra a **Figura 02**, este fica localizado à 820 metros de altitude e a 150,34 km da capital. Sua instalação ocorreu em meados de 1907 por meio de um desmembramento de Imbituva e conta hoje com quatro distritos administrativos, sendo: Irati, Gonçalves Júnior, Guamirim e Itapará (IPARDES, 2017, P. 1 - 3).

Atualmente, são cerca de 6.908 pessoas que desenvolvem atividades econômicas relacionadas a agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aqüicultura no município de Irati (IPARDES, 2017, P. 20), sendo que o grau de urbanização do município é 79,94 % (IPARDES, 2017, P. 37).



Figura 02: Localização do Município de Irati no Estado do Paraná
 Fonte: IparDES 2017

Irati faz parte do Território Centro-Sul do Paraná (conforme observamos na **Figura 03**), este território abrange 12 Municípios, localizados no Segundo Planalto Paranaense. O bioma predominante é a Mata Atlântica e o relevo é predominantemente suave ondulado. Torrens, (2011 p. 1-4)

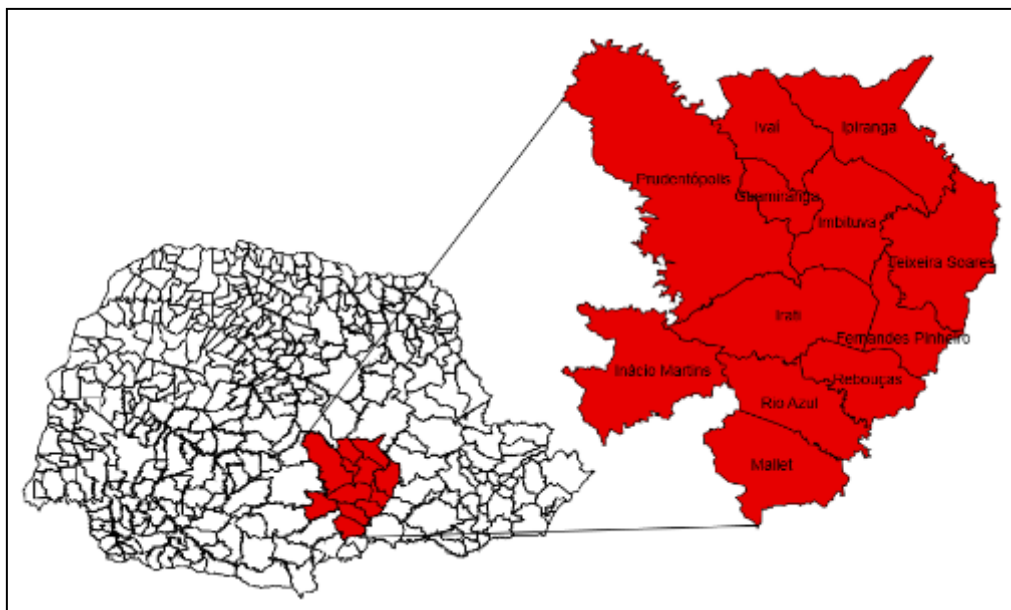


Figura 03: Território Centro Sul do Paraná
 Fonte: Torrens, 2011

Observamos no **Gráfico 1**, no qual dispomos de um histórico de áreas destinadas a produção do fumo no Brasil e na região sul do país. Entre os anos de 2006 a 2015 o cultivo no Brasil se manteve acima dos 400 mil hectares/ano, com variações ano a ano, mas sempre manteve um padrão produtivo. Só na região sul, os dados mostram que de 2006 a 2015 foram destinadas áreas acima de 300 mil hectares/ano, e também sofrendo variações ano a ano mas mantendo um padrão de produção.



Gráfico 1: Área plantada de fumo (2006 a 2016) em Hectares
 Fonte: AFUBRA e IBGE
 Disponível em: INCA

A presença do cultivo de fumo, mesmo que em pequenas áreas de terra dentro das propriedades rurais, ocupa uma área significativa de terra num contexto regional ou nacional,

como vemos no **Gráfico 1**. Da mesma forma a quantidade produzida, como observamos no **Gráfico 2**, dentro das propriedades rurais não representa um montante grande de produção, mas no contexto regional e nacional, esta é expressiva.

Dados referentes a produção do fumo em toneladas/ano, como podemos observar no **Gráfico 2**, no período de 2005 a 2015 a produção manteve um padrão que esteve acima de 800 mil toneladas/ano, exceto no ano de 2010 que esteve um pouco a baixo. Na região sul, observamos que a produção do fumo ficou acima de 700 mil toneladas/ano, exceto em 2010 e 2015 que ficaram um pouco a baixo.

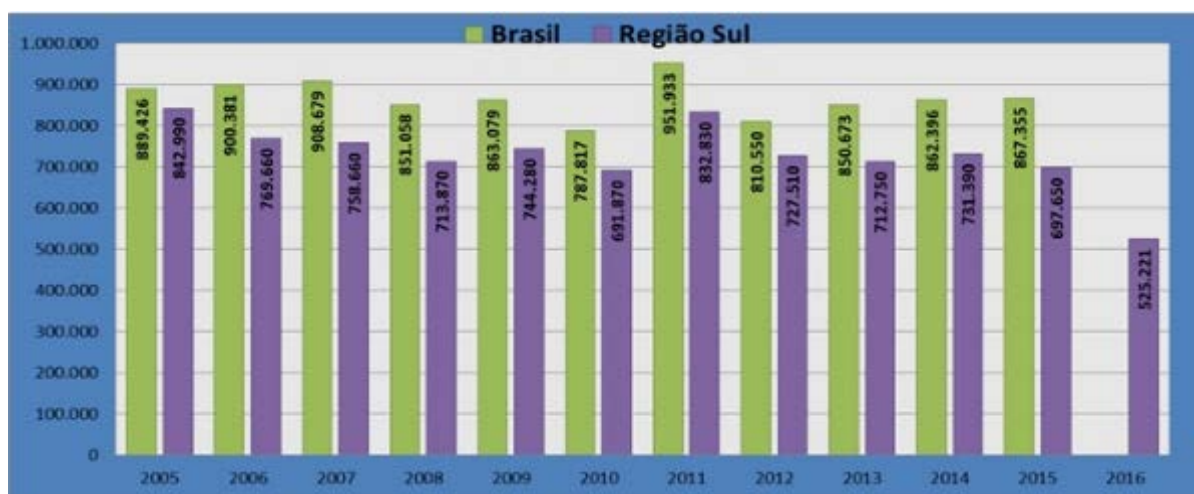


Gráfico 2: Produção de fumo em folha (2005 a 2016) em Toneladas
 Fonte: AFUBRA e IBGE
 Disponível em: INCA

De forma geral, observamos que variações ocorrem ano a ano, tanto no número de áreas quanto na quantidade de produção, tendo elevações e reduções mas mantendo um padrão produtivo. Diferentemente, em ambos os gráficos 1 e 2, observa-se que no ano de 2016 houve uma redução de produção na região sul, sendo esta a maior redução dos últimos dez anos.

Historicamente o fumo ganhou espaço entre as famílias camponesas, havendo também, evolução nas formas de produção. Inicialmente cultivado de forma mais rústica, com a utilização da tração animal e grande mão de obra camponesa. Já com o passar dos anos, além de ter ganhado espaço entre as famílias camponesas, a grande demanda de trabalho manual se manteve. Contudo, algumas técnicas e tecnologias de produção foram inseridas para o cultivo do fumo, haja vista, a tecnificação de grande parte dos cultivos agrícolas. A tração mecanizada, os pacotes tecnológicos com insumos químicos e agrotóxicos, ficaram

mais acessíveis aos agricultores. Com a sofisticação da cadeia produtiva surgiram novos modelos de secadores (estufas) elétricos, colheitadores mecanizados, bem como, técnicas no manejo da cultura. Porém, com a popularização desta sofisticação no segmento, o custo de produção e manutenção dos equipamentos se torna cada vez mais caro, inviabilizando a utilização em pequenas áreas.

A realidade da dinâmica produtiva

É no campo, espaço de reprodução social de camponeses, que em seus estabelecimentos se desenvolvem atividades agropecuárias diversas, buscando gerar renda e alimentos para o sustento da família e manutenção da propriedade rural.

Segundo Torrens (2011 p.08), com base em dados do IBGE, no ano de 2010 cerca de 14,7% da população paranaense encontrava-se no meio rural, representando 1.533.159 pessoas. Do total da população paranaense, 11.284 de pessoas representam cerca de 20% da população rural do Município de Irati.

Oliveira (2007, p.40) afirma que “o caminho para se entender essa presença significativa de camponeses na agricultura dos países capitalistas é pela via de que tais relações não-capitalistas são produto do próprio desenvolvimento contraditório do capital.” Entendemos, portanto que a reprodução camponesa na sua ocorrência atual é necessariamente voltada a manutenção e suprimento das necessidades da família. Contudo, o capital se apropria da produção familiar, inserindo o camponês em uma dinâmica produtiva complexa; por um lado subordinando esta produção para transformá-la em mercadoria e, por outro, convertendo a renda da terra pré-capitalista em capital.

Na atual conjuntura do município de Irati e até mesmo do território centro sul do Paraná, podemos observar um número expressivo de famílias camponesas que possuem, dentre as atividades agrícolas desenvolvidas nas propriedades, o cultivo do fumo. Entre os 12 municípios que compõe a região centro sul do estado do Paraná, 5 municípios tem destaque entre os trinta maiores produtores de fumo da região sul do Brasil.

Exigindo grande e intensa mão de obra no período de produção, o cultivo do fumo ocorre na maioria das vezes de forma precária entre os camponeses e possui uma conjuntura bastante complexa. Buscar compreender a realidade encarada diariamente pelas famílias camponesas é um desafio, sobretudo devido a extensa cadeia de produção do fumo. “A

produção do tabaco caracteriza-se pelo intenso trabalho dos agricultores familiares, possuidores ou não de terras próprias”. (DESER, 2010, p. 44).

A demanda, seja de mercado para a produção ou seja de produto ofertado para o mesmo, é estabelecido como dois fatores norteadores do sistema produtivo, principalmente como justificativa ao preço a ser pago ao camponês pela produção do fumo.

O camponês pode ser visto como sujeito de relação direta com o sistema produtivo do fumo, haja vista ser no campo, nas propriedades rurais que o cultivo encontra-se presente como uma das atividades desenvolvidas pelas famílias camponesas. Pois conforme o DESER,

a produção de fumo no Brasil está concentrada nas mãos de agricultores familiares, por meio do Sistema Integrado de Produção de Tabaco com as fumageiras, numa jornada de trabalho que absorve praticamente um ano inteiro – desde a sementeira até o pagamento pela entrega do produto. Nesta realidade, vislumbrado com o montante recebido ao final de cada safra, nem sempre o fumicultor leva em consideração o número de pessoas envolvidas, nem o tempo gasto em horas de trabalho, dias ou meses. (DESER, 2010, p. 43)

Neste sentido, o contexto da realidade na fumicultura entre os camponeses e a indústria está ligado a subordinação dos camponeses, haja vista, terem que adequar-se as exigências do mercado estabelecidas pela própria indústria. Outro fator que podemos observar na realidade dos fumicultores é, mesmo sendo uma cultura temporária, o fumo exige grande força de trabalho, e possui atividades que se prolongam ao longo do ano, em um ciclo produtivo com diversas etapas.

Para o desenvolvimento da atividade da fumicultura são necessárias algumas etapas, que vão desde a compra de insumos e germinação das sementes até a colheita da folha e venda da produção. Todas as etapas ocorrem entre dois sujeitos; o sujeito camponês que desenvolve em sua propriedade a atividade do fumo e a indústria que beneficia o produto tabaco, transformando-o em mercadoria e capital.

A maior parte da cadeia produtiva da fumicultura é desempenhado pelos camponeses. São eles que compram os insumos e destinam a área para produção, bem como, preparam, plantam e fazem todo o manejo da cultura da fase inicial até a comercialização.

Na fumicultura, o trabalho e os meios materiais de produção, em vez de se organizarem pela razão do cálculo aquisitivo capitalista, requisitam longas jornadas que avançam à noite, em pelo menos 3 ou 4 meses do ciclo anual da cultura, período em que culminam a colheita, cura e secagem das folhas (LIMA, 2007).

O fumo orgânico e a realidade sócio-espacial camponesa

Atualmente, no circuito produtivo do fumo, famílias camponesas desenvolvem em seus estabelecimentos de agricultura familiar a produção do cultivo de forma orgânica. São poucas as informações sobre as etapas do processo de produção e a dinâmica de mercado estabelecida ao fumo orgânico. Tendo em vista compreender a dinâmica estabelecida em torno da produção de fumo orgânico em estabelecimentos de agricultura familiar, se faz necessário levantar alguns elementos que possibilitam a abordagem da complexidade estabelecida no processo de produção do fumo e as relações sócio-espaciais traçadas acerca do cultivo.

Neste caso, se faz importante observar que no processo produtivo do fumo, seja ele na forma convencional ou na forma orgânica, são traçados elementos importantes, onde os agricultores camponeses em seus estabelecimentos de produção familiar desenvolvem atividades voltadas à necessidade de produção de renda e sustento da família. Mas, que apenas nas atividades, desenvolvem a reprodução de elementos do campesinato, pois são várias as relações sócio-espaciais presentes no campo. Porém, encontram-se inseridos em um complexo e dinâmico circuito produtivo, onde os camponeses produtores de fumo ficam a mercê da indústria de tabaco, que se apropria da necessidade dos camponeses de gerar renda, para inseri-los em um sistema precário e degradante de trabalho, para a geração de capital.

Da mesma maneira que no fumo convencional, a estrutura e dinâmica estabelecida pela indústria ao cultivo e produção do fumo orgânico é muito próxima. Pois, conforme levantamento de dados a campo, juntamente com os agricultores que desenvolvem a atividade do fumo orgânico, foi possível conhecer a realidade vivenciada. A indústria fornece os insumos orgânicos, assistência técnica específica ao fumo orgânico, garantia de compra com abono de 60% caso comprovado ser orgânico por meio de análise. No caso dos insumos, a rigorosidade da indústria é grande, pois todo insumo deve ter origem orgânica, e prioritariamente o agricultor deve utilizar o fornecido pela indústria. Com relação a comercialização a empresa recolhe toda a produção de fumo em uma única vez, sendo pago quatro dias depois o valor utilizado ao preço do mercado convencional. Como o indústria fornece a certificação de produção orgânica, o fumo vai para as análises de laboratório e 40

dias após o pagamento no valor convencional é depositado o abono de 60% sobre o valor pago previamente.

Para o fumo orgânico as exigências e normas no processo produtivo, para garantir a certificação, são bastante cobradas pela indústria. Para o agricultor, o fumo orgânico não vem dentro de um pacote tecnológico, onde seu utiliza agrotóxicos e insumos químicos, mas sim dentro de uma nova perspectiva, diferente a popularizada entre os fumicultores.

Para a produção de fumo orgânico são vários os desafios. Sendo poucos produtores atualmente, a socialização de conhecimentos acerca do processo produtivo orgânico fica um pouco limitado. Inicialmente a atividade é desenvolvida em escala reduzida, para que o produtor possa conhecer a dinâmica estabelecida pela indústria e a própria dinâmica do processo produtivo do fumo orgânico.

As condições de trabalho, mesmo se tratando do fumo orgânico, ocorrem de forma precária, haja vista, a demanda de mão de obra intensa nos períodos de colheita e secagem, apesar de não ser utilizados agrotóxicos e produtos químicos nas lavouras, o contato com a nicotina, o mão de obra no período de colheita se fazem presentes.

Considerações Finais

Considerando o atual contexto da fumicultura convencional, assim como, toda a dinâmica produtiva e as etapas desenvolvidas dentro dos estabelecimentos de agricultura camponesa, a precariedade se faz presente. Não que para o cultivo do fumo orgânico não venha a ser de forma precária, mas levando em consideração a saúde camponesa, que tem como umas das atividades desenvolvidas para gerar renda, o fumo, que venha a ser sem a presença de agrotóxicos, trazendo um menor risco a saúde.

Referências Bibliográficas

AFUBRA. **Associação dos Fumicultores do Brasil**. Cadeia Produtiva do Tabaco. Disponível em: <<http://www.afubra.com.br/cadeia-produtiva.html>>. Acessado em 05 de junho de 2017.

AFUBRA. **Associação dos Fumicultores do Brasil**. Perfil do Fumicultor. Disponível em: <<http://www.afubra.com.br/perfil-fumicultor.html>>. Acessado entre março e setembro de 2017.

ALMEIDA, Guilherme Eidt Gonçalves de. **Fumo: servidão moderna e violação dos direitos humanos**. Curitiba: Terra de Direitos, 2005. 168p.

DESER. **Contexto Rural** – Revista do Departamento de Estudos Sócio-Econômicos Rurais. Curitiba: Gráfica Popular, a. III, n. 04, dez. 2003.

DESER. **Tabaco da produção ao consumo uma cadeia de dependência** - Revista do Departamento de Estudos Sócio-Econômicos Rurais. Curitiba: Agosto de 2010. Disponível em: <<http://www.deser.org.br/publicacoes/revistaTabaco-Elabora%C3%A7%C3%A3oDeser-ACT.pdf>>

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. <http://www.ibge.gov.br>. Acessado entre março e setembro de 2017.

INCA. **Intituto Nacional do Câncer**. <http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/inca/portal/home>. Acessado entre março e setembro de 2017.

IPARDES. **Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social**. <http://www.ipardes.gov.br/>. Acessado entre março e setembro de 2017.

LIMA, R. G. de. **Desenvolvimento e relações de trabalho na fumicultura sul-brasileira**. Sociologias, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n18/n18a10.pdf>>. Acessado em 13 de novembro de 2015.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: Labur Edições, 2007, 184p.

SINDITABACO. **Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco**. Disponível em: <<http://sinditabaco.com.br/sobre-o-setor/dimensoes-do-setor/>>. Acessado em 05 de junho de 2017.

TORRENS, J. C. S. **Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável do Território Centro-Sul do Paraná**. Curitiba, 2011.